

UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO BILINGUE COM O POVO MAXAKALI

*Neli Ferreira do Nascimento**

U.F.J.F.

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

- Localização

Os Maxakali, em número de 346 indivíduos, estão localizados na região das cabeceiras do Rio Itanhaém, no município de Bertópolis, no Nordeste do Estado de Minas Gerais, junto a divisa oriental com o Estado da Bahia. Ocupam uma reserva constituída por duas glebas de terra, ÁGUA BOA e PRADINHO, separadas por uma distância de 1,5 Km ocupada por vários posseiros.

A reserva indígena está na área do Mucuri. A principal atividade econômica, desta área, é a criação de gado, que vem aumentando muito em relação às lavouras, que estão diminuindo. Esta atividade criadora de bovinos sucedeu quase que diretamente à exploração madeireira, a atividade pioneira em toda a zona de ocupação bastante recente.

O Nordeste de Minas é a área mais abandonada do Estado. O Instituto Estadual de Estatística, assim, a caracteriza: "população predominante rural, de baixo nível de escolaridade, precária assistência médico-hospitalar, renda "per capita" entre as mais baixas do Estado, rede urbana mal estruturada e comunicação externa e interna deficiente".

- Situação de Contato

Os Índios Maxakali viviam na Área do Alto Jequitinhonha e Pardo, mas foram empurrados pelas frentes de penetração mineradora para a Área do Médio Jequitinhonha ou Macuri, onde foram encontrados pelos viajantes e cronistas em fins do século XVIII. Aí, conseguiram um refúgio mais ou menos seguro, mas, à medida que o tempo corria, o território encurtava e a distância, entre os Maxakali e as frentes de penetração, diminuía. A busca do ouro e pedras preciosas, a exploração de madeiras e ervas (poaia) e, finalmente, a devastação das matas para plantio e pastagens foram estreitando, cada vez mais, o território tribal. A civilização foi aproximando-se, paulatinamente, até que, no prin

cípio do século, os primeiros posseiros começaram a instalar-se próximo ao território tribal, ocupando toda a região. A frente agro-pastoril instalou-se definitivamente na área. Os Maxakali viram-se, assim, encurralados, tendo inúmeros posseiros ao redor, não podendo escapar, por mais tempo, ao contato.

A aproximação da civilização representou para o Maxakali a depopulação e a submissão. O primeiro impacto sofrido foi com relação a ocupação das terras e a devastação das matas. De caçadores nômades foram transformados em agricultores sedentários. A atividade agrícola, até hoje, é considerada como uma exigência de sobrevivência, mas nunca como algo de maiores empenhos. O segundo impacto diz respeito ao avanço, cada vez maior, da pecuária, na região, em detrimento a lavoura. As matas restantes e as lavouras foram transformadas em capinzais, tornando as terras inabitáveis. O índio foi compelido a plantar capim em suas capoeiras. Atualmente, existem enormes capinzais na reserva, dificultando o plantio de outras espécies vegetais. O terceiro impacto diz respeito a necessidade de adquirir moeda, para poder participar do mercado regional. São duas as maneiras para conseguir moeda: concorrer, no mercado, como produtor independente ou vender sua força de trabalho. A primeira é inviável por várias razões: a produção é escassa, o número de concorrentes é grande, não há meio de transporte para os produtos até as feiras e, ainda, ocorre a discriminação da produção indígena. A segunda é, igualmente, inviável, porque o índio deverá abandonar sua roça e receber a metade por um dia de trabalho; além disso, a pecuária, principal atividade da região, emprega poucos braços. O fazendeiro prefere mão-de-obra civilizada, embora com preço mais elevado, pois não confia no índio.

Outra possibilidade, aliás, a que tem sido utilizada, embora precariamente, é a produção de artesanato. A venda de colares, peneiras, arcos e flechas, nas feiras, resulta em algum dinheiro, porém são peças de baixo preço, que interessam apenas aos curiosos de feira, como coisas exóticas. Às vezes, os índios viajam, levando tais produtos para vender nas cidades próximas, mas o dinheiro apurado na venda não chega para as despesas de viagem. Quando dão "sorte" de encontrar a polícia, além de ficarem detidos, ainda têm seus objetos, conseguidos com dificuldades, apreendidos. O índio volta deprimido, com fome, decepcionado e, sobretudo, revoltado, para a aldeia.

Finalmente, só lhes restam duas alternativas para sobreviver: roubar ou pedir. Aliás, só a primeira, roubar, porque, se pedirem, não ganham, ou melhor, ganham, sim, os estereótipos de "vagabundos", "imundos", "preguiçosos", "ladrões", "bêbados" e outros.

Na condição de penúria em que se encontram, só podem mesmo agir de modo a cristalizar, cada vez mais, os estereótipos, entregando-se irremediavelmente ao alcoolismo. A dependência física do álcool é uma lamentável realidade na sociedade Maxakali. Estão sendo transformados, gradativamente, em um

bando miserável e marginal à sociedade nacional, embora possuidores da terra.

Esta análise sucinta descreve a situação dramática, vivida pelos Maxakali, até a primeira metade de 1980, quando foram iniciadas as atividades do projeto que prossegue no momento.

Em síntese, podemos afirmar que os índios viviam um processo de autodestruição. Haviam perdido a perspectiva de futuro, a razão de viver, e estavam matando-se, furiosos, lançando-se uns sobre os outros. Os assassinatos e as agressões, com lesões, eram constantes, sob os efeitos do álcool.

Por outro lado, felizmente, podemos afirmar, também, que há de terminadas esferas da cultura que têm resistido aos efeitos da anomia. Isto não quer dizer que continuam intactas, mas conseguiram desenvolver mecanismos de adaptação à situação conjuntural. A religião é uma delas, por tratar-se de uma esfera secreta e exercer forte meio de conagração. Outra é a língua, que, embora venha sofrendo mudanças, está operante e é um elemento de solidariedade e de defesa contra o branco. Já dizia, muito sabiamente, Olavo Bilac: "Um povo só começa a perder a sua independência, a sua existência, quando começa a perder o amor do idioma natal. A morte de uma nação começa sempre pelo apodrecimento da língua". Assim sendo, o manutenção da língua materna é uma das poucas garantias da sobrevivência do Maxakali, como povo.

Z. A PROPOSTA DE TRABALHO

- Objetivos Gerais

- Levar a uma auto-afirmação, para que sejam pessoas equilibradas, e que isto se reflita em maior atividade e mais realizações.
- Instrumentar o indígena para enfrentar e sobreviver às condições geradas pelo convívio com a sociedade nacional, habilitando-o para decidir sobre o seu destino.
- Conscientizar os Maxakali, sobre as oportunidades e alternativas ao alcance da comunidade.
- Instruir o índio, para assumir a responsabilidade pelo próprio desenvolvimento sócio-econômico, eliminando, de modo gradativo, o atual relacionamento paternalista e dependente em relação aos componentes da sociedade nacional.
- Incentivar a salvaguarda da cultura e tradições tribais, pois um homem, com tradição, tem maiores possibilidades de adaptação a inovações.
- Levar à valorização do trabalho e estudo como meio para o desenvolvimento da comunidade.
- Usar a educação como veículo promotor de mudanças, de busca de melhores condições de interação entre os componentes da sociedade nacional envolvente e os contingentes tribais e, dessa forma, encontrar formas não esp

liativas, para promover relações entre índios e não índios.

- Objetivos Específicos

Complementar a educação indígena para uma situação de contato menos desvantajosa.

- Reconhecer, encorajar e treinar os líderes da comunidade.
- Aproveitar os índios jovens para atuarem como professores bilingues.

- Possibilitar a defesa contra a exploração salarial e nos trabalhos comerciais, pelo conhecimento das práticas aritméticas.

- Justificativas

O contato permanente com a sociedade nacional impõe ao Maxakali a necessidade de alfabetizar-se. O seu relacionamento com o branco torna-se mais desvantajoso, por ser analfabeto.

A alfabetização dará ao índio condições de aprender o sistema monetário externo, habilidades aritméticas; enfim, o domínio desta técnica permitirá-lhe resolver certos problemas trazidos pelo contato.

Quanto à alfabetização na língua materna, parece que já existe um consenso entre os cientistas sociais e pedagogos, com relação a sua eficácia. Além disso, é um direito de cada sociedade ser alfabetizada na sua própria língua.

A tentativa de alfabetização, em português, não obteve êxito. Em 1979, dois professores, contratados pelo FUNAI, fracassaram nesta tentativa. Não conseguiram nem a frequência dos alunos.

A grande conveniência de alfabetização, na língua Maxakali, diz respeito ao reforço e a valorização da própria identidade, pela valorização de sua própria língua.

Recuperada a identidade, recuperar-se-á, também, a razão de viver, o orgulho étnico perdido na situação de contato.

Num de seus relatórios (1951), sobre o ensino da língua materna, a UNESCO ressalta os fatores psicológicos, sociológicos, educacionais, nesta prática: "Psicologicamente, é o sistema de sinais significativos, que na sua (da criança) mente funciona automaticamente na expressão e no entendimento; sociologicamente, é um meio de identificação entre os membros da comunidade a que pertence; e educacionalmente, ela aprende mais rapidamente através dela do que através de um meio lingüístico que não lhe seja familiar".

A FUNAI reconheceu o valor da educação bilíngue, incluindo a sua prática entre as normas para a educação dos grupos indígenas, mas, infelizmente, não dispõe de número suficiente de lingüístas nos seus quadros, para colocar em execução estas normas. A maioria dos programas bilíngues foi implanta

da por iniciativa ou colaboração efetiva dos lingüistas do SIL, que forneceu uma grande parte do material didático e arcabouço científico. Sendo assim, é indispensável a colaboração efetiva dos lingüistas do SIL, que, desde 1959, estudam a língua e a cultura Maxakali.

- Princípios norteadores

- Metodologia de Ação

O princípio norteador deste projeto é a gradativa indigenização, a ponto de tornar-se auto-suficiente. A comunidade indígena deverá ser capacitada para assumir inteira responsabilidade pelo programa de alfabetização. Para isso, serão incluídos indivíduos locais em todas as fases, não somente a nível de escritor e alfabetizador indígena, mas a nível, também, das decisões. Para que o programa de alfabetização prossiga independentemente, essa independência deverá ser colocada em prática, desde o início. Assim, o Maxakali não irá ajudar a equipe técnica a realizar o trabalho, mas, pelo contrário, a equipe técnica irá ajudar o Maxakali a realizar o trabalho.

O primeiro obstáculo a ser enfrentado, para a conquista da auto-suficiência, diz respeito ao financiamento do projeto: quem paga é quem manda, diz a prática. Mas o financiador, no caso, é o órgão encarregado da tutela e proteção, de quem o Maxakali já está mesmo habituado a receber doações. Assim, o passo inicial será financiado de fora, mas os passos seguintes poderão ser financiados, pelo menos em parte, pela própria comunidade, através de diversas contribuições, como a prestação de serviços e outras.

Uma educação voltada para a auto-suficiência, para a autodeterminação do educando, não visa substituir, mas complementar a educação indígena como uma prática paralela. Não pretende introduzir uma ruptura, mas uma inovação coerente com o sistema tribal de educação existente. Assim, deixará de ser, como processo, um veículo de dominação, transformando-se num meio de levantar o ethos tribal. A educação passará a ser um instrumento de mudanças, de busca de melhores condições de interação, de relações menos desiguais com a sociedade envolvente. Mas a educação, por si só, não preencherá todas estas finalidades. Torna-se necessária a agilização de um conjunto mais amplo de medidas destinadas a elevar a comunidade indígena como todo. É indispensável a implantação simultânea de um projeto global de desenvolvimento comunitário; projeto este, cujas atividades teriam caráter educativo, no sentido de levar o Maxakali a assumir a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento sócio-econômico, eliminando, gradativamente, o seu atual relacionamento paternalista e dependente com a sociedade nacional.

A eficácia de tais medidas está vinculada à simultaneidade, à mesma orientação filosófica, à mesma orientação política, à atuação integrada

de todas as pessoas envolvidas, objetivando apoiar a população Maxakali, para que encontre seu próprio destino.

Outro fator importante é a continuidade, sobretudo, para assegurar uma alfabetização séria. Melhor seria não começar do que oferecer uma alfabetização deficiente e descontínua, cujo efeito seria desastroso, constituindo-se em mais um fator de desencorajamento e frustração.

- Condições Indispensáveis ao bom Desempenho do Projeto, a Nível Administrativo.

- Autonomia da equipe
- Continuidade do programa
- Liberação burocrática
- Fidelidade aos objetivos propostos
- Responsabilidades

- Etapas

- 1ª Etapa - Programa Piloto de Alfabetização - 5 meses

Objetivos:

- alfabetizar um número limitado de pessoas (20 pessoas), visando formar escritores, alfabetizadores e monitores;
- testar o material didático provisório;
- produzir literatura indígena;
- elaborar material didático indígena;
- elaborar manual provisório do professor indígena;
- iniciar o programa de alfabetização, na língua indígena, em maior extensão.

- 2ª Etapa - Treinamento de Monitores Bilíngues-Culturais- 3 anos

Objetivos:

- conscientizar o aluno, quanto a sua identificação como índio brasileiro;
- levá-lo a valorizar a língua e culturas indígenas, despertando a autoconfiança, mostrando as possibilidades e as riquezas da língua indígena;
- dar oportunidade para o treino do pensamento lógico, bem como das técnicas de estudo e aprendizagem;
- preparar os alunos para que possam cooperar na sua comunidade, visando uma convivência menos desvantajosa com a sociedade nacional;
- desenvolvimento de atitudes e caráter concernentes a um monitor bilíngue;
- elevação do nível educacional;

- treinamento didático;
- elaboração de material de transição para a língua e cultura nacional;
- estabelecimento da educação bilíngue-bicultural.

- Importância do monitor bilíngue

Ele é o elemento-chave, no processo de ensino bilíngue-bicultural. Apresenta uma série de vantagens: ensina o povo, na sua própria língua; tem a mesma cultura; mora no mesmo lugar; tem mais conhecimento, sobre a região; pode ser admirado na sua aldeia pelos seus conhecimentos, servindo de exemplo para outros; com o monitor, a alfabetização, na língua materna, para as crianças, é mais rápida e de fácil entendimento; torna-se mais fácil para a criança entender o que está sendo ensinado pelo monitor bilíngue do que pelo professor nacional; há mais disciplina na classe com o monitor, porque é mais familiar à criança o que ele está falando¹.

- 3ª Etapa - Programa de Educação Bilíngue-Bicultural

3. EXECUÇÃO E PRIMEIROS RESULTADOS DO PROJETO

Este projeto foi elaborado, a partir de uma pesquisa², iniciada em 1976. Os estudos realizados revelaram a situação de penúria em que se encontra a sociedade Maxakali, alertando para a necessidade de criar-se condições de sobrevivência para o derradeiro grupo indígena em Minas Gerais.

Face às grandes e urgentes necessidades de saúde e subsistência, foi elaborado um projeto mais amplo, visando: 1) combater a verminose, a subnutrição e o alcoolismo; 2) incrementar a produção agrícola; 3) a introdução da educação bilíngue.

Para a elaboração e execução do projeto, foi assinado um convênio entre a UFJF e a FUNAI, permitindo que a antropóloga fosse colocada à disposição do Projeto, por um período de 18 meses. A FUNAI alocou, no 1º ano, recursos na ordem de Cr\$ 9.000.000,00 (Nove milhões de cruzeiros), através da 11ª DR - FUNAI, em Governador Valadares.

- Equipe Técnica

Para a implantação e execução do projeto, foi constituída uma equipe de 7 (sete) pessoas, a saber: 4 acadêmicos da área de Ciências Sociais da UFJF; 1 lingüista do SIL - orientador científico; 1 antropóloga, da UFJF — coordenadora, e 1 psicóloga.

Dos 4 acadêmicos, duas moças possuem curso normal; um rapaz possui curso técnico de contabilidade. e o outro, uma pequena experiência em ma

gistério. Todos cursaram Antropologia. Três exercem a função de auxiliar de ensino, e um, a função de auxiliar administrativo.

O lingüista Arold Popovich aceitou o nosso convite para participar da equipe. Ele já havia realizado, juntamente com a esposa, grande parte do trabalho lingüístico, a saber: 1º) a análise lingüística e estudos sócio culturais Maxakali; 2º) a ortografia Maxakali; 3º) a confecção de material didático provisório: cartilhas, um livro de estudos sociais e um livro de leitura, com a participação dos Índios.

A psicóloga, além do curso de psicologia, possui, também, formação em Ciências Sociais.

A antropóloga, coordenadora do projeto, permaneceu no campo, pelo período de 18 meses, tendo retornado a UFJF. Continuará fazendo visitas de acompanhamento e supervisão até a implantação integral do projeto, ou melhor, até o projeto tornar-se auto-suficiente.

A coordenação coube a seleção e o preparo da equipe, bem assim, a responsabilidade de propor a permanência e a substituição de pessoas, de acordo com os interesses e necessidades do projeto.

A equipe de acadêmicos e a psicóloga receberam preparo específico, durante cinco meses, sendo 4 meses, em Juiz de Fora, e um mês, no campo. Este preparo constitui em leitura e discussão de bibliografia selecionada em Antropologia de sociedades simples, educação indígena e desenvolvimento comunitário, além de informações, sobre a cultura e a língua Maxakali. No campo, receberam treinamento para o ensino bilíngue, com os lingüistas Frances e Arold Popovich. Além disso, no 1º mês, fizeram um censo com levantamento genealógico, visando conhecer e estreitar as relações com os Índios. O tempo restante foi dedicado à continuação das reuniões de estudo e discussão do projeto; planejamento das atividades, das linhas de ação e das responsabilidades de cada pessoa, envolvida, direta ou indiretamente, no projeto; discussão das condições de operacionalização dos objetivos propostos; programação de uso da instalações; conscientização da equipe, dos funcionários e, principalmente, dos indígenas; conscientização da comunidade envolvente.

O trabalho da equipe, no campo, tem sido complementado pelo trabalho dos funcionários do Posto Indígena, a saber: técnico indigenista, técnico agrícola, motorista, tratorista, auxiliar de enfermagem e outros.

- Execução

A equipe, proveniente de Juiz de Fora, chegou ao Posto Indígena Maxakali, no dia 6 de agosto de 1980.

O Programa Piloto de Alfabetização em Maxakali não pôde ser iniciado, imediatamente, devido a quatro motivos principais: reforma do prédio da escola; atraso da implantação da Cantina Reembolsável que pagaria as bolsas de

estudo; a ausência do lingüista, por motivo de viagem ao exterior; e a implantação da roça Educativa, que não podia dispensar nenhum homem ativo.

O ensino, em português, foi tentado várias vezes, sem nenhum resultado, devido a falta de interesse e a falta de domínio do português pelas crianças, que iam à escola, atraídas pela merenda escolar. Apesar disso, iniciamos o trabalho com as crianças, mesmo em português, e sem merenda escolar. Foram implantadas três classes que viriam a ser "Classes de Prática de Ensino" para os futuros monitores. As crianças foram divididas, segundo o sexo e o nível de bilingüismo, sendo orientadas por auxiliares de ensino e do mesmo sexo, obedecendo aos padrões tribais. Nos primeiros meses, conseguimos um certo interesse e até uma boa frequência, mas, passado o impacto da novidade, o interesse se foi diminuindo, frente as dificuldades. A barreira lingüística tornou-se intransponível. Das 36 crianças matriculadas, apenas cinco estavam dando rendimento satisfatório no processo de alfabetização, exatamente, por possuírem relações de parentescos com falantes nativos de português. A experiência foi válida, nos sentido de provar, mais uma vez, a importância da alfabetização na língua materna. Prosseguimos, na alfabetização em português, com os cinco alunos que, atualmente, estão prontos para a promoção ao segundo ano primário.

Para os demais alunos, iniciamos um curso de pré-alfabetização, com a ajuda de um falante nativo, visando criar o hábito de horário; de comportamento, dentro da sala de aula; e de controle motor.

Em março de 1981, após o retorno do lingüista, foi iniciado o Plano Piloto de Alfabetização, visando o preparo de monitores e escritores indígenas, totalizando 20 alunos, sendo oito mulheres e doze homens, indicados pela comunidade. Formam duas turmas, de acordo com o sexo. Estes alunos, à medida que progredem no estudo das cartilhas, em número de cinco, praticam, ensinando-as para as crianças e para os colegas de turma, recebendo, também, aulas de português e de aritmética. Além disso, estão sendo treinados, também, nos trabalhos da Cantina Reembolsável, na limpeza da escola e da enfermaria, no preparo da merenda escolar e na roça educativa. Recebem, mensalmente, uma bolsa de manutenção.

As cartilhas, em Maxakali, foram reformuladas, com a ajuda dos alunos, tentando adaptá-las ainda mais a didática nacional e à realidade indígena. Cada lição da cartilha é reproduzida em forma de cartaz para auxiliar o ensino. Cada aluno, além dos cadernos, possui uma lousa individual para o treino da escrita das palavras e dos cálculos. Este método ajuda a apagar os erros. Eles gostam muito de usar o giz e os lápis de cor.

O método adotado nas cartilhas é o das palavras-chaves, como no exemplo, abaixo, onde é reproduzida a primeira lição da primeira cartilha:

The diagram shows the syllable breakdown of two words: 'tepta' and 'puxap'. 'tepta' is divided into syllables 'ta' and 'pta', with the syllable boundary marked by a vertical dashed line. 'puxap' is divided into 'pu' and 'xap', also with a vertical dashed line. Below these, boxes show the orthographic representation of syllables: 'ta' and 'tu' for 'tepta', and 'pu' and 'puxap' for 'puxap'. A larger box shows the combined syllables 'ta tu' and 'pa pu'. At the bottom right, a phonetic transcription shows the syllables 'a' and 'u' with corresponding waveforms.

Dentre os resultados, gostaríamos de ressaltar apenas dois, por julgá-los mais profícuos:

1) após um ano de funcionamento do Projeto Piloto de Alfabetização, foi possível realizar, com duração de dois meses, de 29 de março a 21 de maio de 1982, o 1º Seminário de Produção de Literatura Indígena. Dezessete, dos vinte alunos, conseguiram escrever cerca de 27 (vinte e sete) livrinhos e o primeiro jornalzinho;

2) dois monitores, em treinamento, criaram, por iniciativa própria, classes de alfabetização nas suas respectivas aldeias, construindo as casas, os bancus e o quadro-negro, para o funcionamento das mesmas.

A experiência prosseguirá, introduzindo novos cursos para os alunos alfabetizados, como noções de costura, enfermagem, carpintaria, criação de peixes e de cabritos, através de apostilas, sobre os respectivos assuntos, em Maxakali, como, também, através da prática.

NOTAS:

(*) Antropóloga - U.F.J.F.

(1) Observações dos monitores bilingües Karajã, Encontro de Monitores Bilingües-Biculturais, Brasília, D.F., abril de 1979.

(2) Parte desta pesquisa, que se estende por 6 anos, foi financiada pela FAPESP.